

O livro *A Dialética Freudiana I — Prática do Método Psicanalítico* é o primeiro volume da obra do autor, que será seguida por *A Dialética Freudiana 2 — Teoria do Método Psicanalítico*. Na realidade, Claude Le Guen considera um outro livro de sua autoria, intitulado *Édipo Originário*, como o precursor desses dois volumes. Tal ordenação é importante para que o leitor possa compreender o desenvolvimento de sua abordagem do método freudiano. Para tanto, o autor faz um breve resumo de sua tese sobre o Édipo Originário no capítulo três da presente obra.

Apesar de se tratar de um tema complexo, recorrendo muitas vezes a conceitos filosóficos, o livro vai se tornando muito esclarecedor no decorrer da leitura. Por meio de um percurso longo e minucioso, discute idéias polêmicas e fundamentais da psicanálise, tais como: sujeição, reconstrução/construção, história, realidade e ideologia. Os temas centrais são apresentados logo de início e depois discutidos em cada capítulo. Na tentativa de elucidar questões da prática analítica, o autor relata alguns casos clínicos e a análise de Freud sobre o sonho do Homem dos Lobos, encaminhando, de maneira muito sensível, sua própria leitura da dialética freudiana.

Fiel ao modelo de Freud, o psicanalista francês sustentará sua preocupação em dar coerência a esse conjunto analítico, considerando-o uma unidade sólida mas que, a seu ver, reclama desenvolvimentos e correções. Sendo assim, já

A possibilidade de uma ultrapassagem

A Dialética Freudiana I — Prática do Método Psicanalítico, Claude Le Guen, Editora Escuta, São Paulo, 296 páginas, Fevereiro de 1991.

parte do pressuposto de que só é possível pensar a Psicanálise como uma práxis fundada na aliança dialética da teoria e da prática. Em outras palavras, a teoria submete a prática e a prática significa e reorganiza a teoria, num processo único. Além de defini-la como uma práxis sociohistórica, caracterizando, assim, o processo de análise como um processo social.

A tese central parte da preocupação em esclarecer a dinâmica psíquica, considerada, desde Freud, como sustentada pela abordagem tópica. O autor utiliza os conceitos apoio e a posteriori presentes separadamente em toda a obra freudiana, os reúne e os articula fundamentando o que, a seu ver, constitui a essência do método psicanalítico: o par dialético apoio/a posteriori. Grosso modo, apoio se refere aos primeiros modelos nos quais se sustenta o desenvolvimento do sentido, que é construído a posteriori. Como se trata de conceitos complexos, vale recorrer a um exemplo para tentar esclarecer tal idéia. A imagem da criança que suga o seio da mãe torna-se o modelo e a expressão da satisfação sexual e o protótipo de toda relação amorosa. De acordo com o autor "Para tornar as coisas mais simples, digamos que, para que possa haver a posteriori, algo deve ter existido antes, e essa anterioridade não é nada mais que o apoio".

Dessa forma, os dois conceitos se acoplam e funcionam em ação recíproca: um não poderia existir sem o outro. Le Guen escre-

ve que "um acontecimento atual vem desencadear uma angústia que só toma sentido e só existe devido a um acontecimento anterior — aparentemente inofensivo nesse momento — que o preparou e o prefigurou. Esse par dialético e histórico, sinônimo freudiano de pares opostos, constitui tanto o psiquismo quanto o processo analítico, na medida em que o antes — em lugar e/ou em tempo — assujeito o depois, e o depois significa e reorganiza o antes, mas sobretudo: esse duplo movimento aparente é, de fato, somente um único processo que deve ser pensado como tal, em sua unidade totalizante".

A partir de sua formulação do Édipo Originário entendido como o acontecimento fundante do Eu e constituinte do recalque originário (que se daria em torno dos seis meses de vida) o psicanalista postula a existência de três Édipos: o Édipo Originário, o Édipo Secundário (equivalente ao freudiano) e o Édipo do Tratamento (na transferência). Entendendo-os como uma só unidade, afirma que o único a figurar e a se revelar é o Édipo do Tratamento, em um processo de historicização, em que se retoma aquilo que foi apoiado, reatualizando e fazendo surgir sentido a posteriori. Sendo assim, um duplo apoio (sobre o Édipo Originário e

o Édipo Secundário) produziria a edificação no tratamento, suprimindo e conservando os dois anteriores. Acompanhando o pensamento do autor, chega-se à conclusão de que o Édipo renasce graças ao tratamento e ao conjunto teórico com que o faz existir, além de todo o aparato social que autoriza, justifica e determina o exercício da Psicanálise.

Enunciando de forma clara e original as idéias e a própria clínica, Le Guen desencadeia, por meio de seu livro, reflexões que fazem com que o leitor questione suas próprias experiências e afirmações. O autor critica o pensamento junguiano e o chamado lacanismo, sem desmerecer o valor dos referidos autores, argumentando suas incongruências com o modelo freudiano. Faz, com sua abordagem sobre o Édipo Originário, ir por água abaixo a hipótese de Freud sobre herança filogenética dos fantasmas originários, a partir de sua visão absolutamente ontogênica (aliás, sua única oposição a Freud). Da mesma forma que fará muitos pensar, até com certa surpresa, sobre a sua afirmação de que tanto as associações quanto as construções em análise não trazem, em si mesmas, nenhuma virtude criadora, já que "reconsideram" e "reproduzem" algo que já estava constituído de um outro modo, diferente.

Portanto, antes mesmo e mais importante do que nos opor ou nos identificar imediatamente com as idéias apresentadas por Le Guen em *A Dialética Freudiana I — Prática do Método Psicanalítico*, este livro propõe o que parece ser o fundamental: a reflexão sobre a práxis psicanalítica e, quem sabe, a possibilidade de ultrapassagem, em que o essencial permanece se transformando.

Cecilia Carvalho Meirelles

Psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.